

4

Corpos e buscas na rede

*Por cidades, por aldeias,
Minha sina é procurar-te.
Onde estás/para onde vou?*

(*A angústia de D. João*”, Menotti Del Picchia)

4.1

Do buscador

Édipo nasce de toda uma aplicação do campo familiar, finita no campo social, através do simbólico. Curioso pensar que *Don Juan* não tem família e ainda mata o pai de outro, nas versões mais recentes.

Chartier em *Do leitor ao navegador* observa que a rede propõe um leitor navegador desfilado; se isso é aceitável, a rede pode instaurar, de um certo modo, esse leitor fora de um espaço familiar, para introduzi-lo num espaço efetivamente desconhecido, onde a aplicação do mito edipiano, forma de controle sobre o desejo, é inviável, literal e simbolicamente.

Num certo sentido, *Don Juan*, o buscador incontinente, é também uma representação possível do “comportamento de busca” do usuário da rede, na contemporaneidade. A atenção no receptor de informação, ou seja, numa perspectiva da teoria da recepção, ou como ainda podemos indicá-la como as teorias do acolhimento, seja de informação de obras literárias ou não, e atenção no modo de buscar informações, como foi o caso do trabalho anterior: “o modo como alguns jovens estão lendo ou não lendo”.

Toda a descrição do comportamento *das experiências donjuanescas de leitura*, iniciado na dissertação de mestrado, revela uma nova forma de lidar com o conhecimento, ou se não temos uma nova forma, ao menos uma forma agora predominante em detrimento de outras que anteriormente vigoravam, por exemplo, dentro de uma lógica clássica e dualista, contemplativo e ativo; interiorizante e exteriorizada; superficial e profunda; entre outras possibilidades dicotômicas e dicotomizadoras, mantendo uma lógica binária para o

processamento da informação, ou da recepção da obra, objeto de leitura, literária ou não.

Fato é que se *um grão de feijão* ainda pode pesar, no caso da leitura literária, só a insistência na repetição, isto é, na releitura, é que pode se diferenciar da leitura informacional que a rede propõe. Neste sentido, o hipertexto literário é sujeito a riscos de não repetição para um mesmo leitor em diferentes momentos de leitura.

O comportamento de busca de nosso donjuanesco leitor pode parecer para um modo de pensar numa lógica binária, falso ou superficial, como também pouco afeito a reflexões. Entretanto, fora da lógica binária, o “comportamento de busca donjuanesco” é visto como mais uma maneira de ser apenas, sem qualquer juízo de valor sobre ele. Os resultados serão diferentes como de qualquer buscador em qualquer momento de sua busca, sem a possibilidade de repetição pura e simples. Se, contudo, é a repetição que mantém a forma para uma certa fisiologia de entendimento binária, para uma linguagem plural e multifacetada, a repetição pura e simples não é garantia da forma, pois as repetições vão criando séries.

O catálogo de *Don Juan* não fica diferente como possível representação dessa forma de produzir conhecimento e com ele se relacionar. Vejamos, no catálogo apresentado cuidadosamente por *Leporello* a *Dona Elvira*, a mulher ultrajada que busca livrar-se do peso do engano e do abandono, em uma paráfrase à área de Mozart e Da Ponte, Saramago na voz cantada de *Leporello* abre as séries de repetições que são registradas no “livro-catálogo”. Fala ele em tantas italianas, tantas de Espanha, tantas de França, Turquia, etc. e por aí segue. Ora, numa lógica da multiplicidade, a indexação por nomes, ou nomes-sintagmas é a lógica da rede, isto é, a possibilidade de acessar histórias diversas. E dentro dessa ótica da multiplicidade, não se estaria partindo de um uno para um múltiplo, na medida em que não é a fisiologia dos sujeitos que está em jogo, mas a materialidade dos nomes.

Neste sentido, o *Don Juan*, ou o *Don Giovanni* que buscou informação/mulheres por diversos campos/países de saberes ou culturas diferentes, não é sempre o mesmo *Don Juan* ou *Don Giovanni*, pois seus vários – eus que se movimentam numa subjetividade descentralizada e fragmentada, mediante os diferentes processos de subjetivação por que passam “os

enamoramentos”, não são os mesmos em cada experiência, daí que temos de múltiplo para múltiplo.

Esta maneira mais impessoal de ler *Don Juan* ou *Don Giovanni*, a palavra cantada propriamente no segundo, propõe ficar fora do binarismo hermenêutico para o ato da leitura que explora a interiorização com mais valor que o ato não interiorizado. A relação com a leitura é fora da experiência dual e dicotômica, sem que esta esteja necessariamente excluída, apenas ela não será mais o ponto de referência para uma avaliação do que venha a ser leitor ou não-leitor, tanto para leitor de textos literários, como para leitores em que a literariedade não esteja em questão. O que está aqui em jogo é o reconhecimento de um “comportamento de busca”, que se faz presente em diferentes sujeitos em diferentes momentos do processo de (trans)formação.

Assim, voltamos à questão inicial disparadora do trabalho desta pesquisa:

Por que Don Juan canta? Ou ainda Por que Don Juan ainda canta?

Don Juan ainda canta porque é preciso manter a possibilidade de cantar/dizer nomes, nomes que potencializem histórias, textos/contextos, pesquisas de vidas na rede do conhecimento. *Don Juan* é uma ferramenta de busca para os estudos literários bem como um comportamento de busca nos próprios estudos e ainda um conteúdo fortemente amplo e produtivo para os mesmos estudos literários comparados ou não. Seus portais encontrados são os dintéis para novas possibilidades de histórias e acessos (febris) à informação.

Don Juan, um hipertexto da contemporaneidade, é o mito do eterno retorno sem a tragicidade do mesmo, mas a ironia refinada da pós-modernidade. *Don Juan* é a figura da complexidade encarnada desimpedida da adoração cristã da encarnação, com a liberação do corpo sacrificado. O inferno ainda existe e pode engoli-lo, que é a própria rede de informações que se apresenta em múltiplas direções. A virtualidade pode em algum momento de distração ser seu inferno com a agravante de que não existe um “Comendador” para enfrentar, a não ser o sujeito buscador com sua vontade de conhecer, sujeita á perda contínua e a ganhos inesperados compartilháveis ou não.

Don Juan fala da impossibilidade, de uma liberdade que num certo mundo não é visível, porém latente. Essa impossibilidade também pode ser a mesma para a literatura, considerando-se que mesmo diante dos limites do código lingüístico

com que se relaciona a obra e seu criador, este limite por existir permite a visão de novas possibilidades dentro deste mesmo código.

Então, poderíamos ler *Don Juan* como uma experiência de um mundo que está neste mundo, sai dele, porém não é este mundo.⁶¹ Don Juan, o personagem criado por Tirso de Molina e tornado mito ao longo dos séculos, talvez pudesse ser contraditoriamente aquele que num contexto social e político em que o duplo exigia a definição categórica e nenhuma ambigüidade, verdade ou mentira; sim ou não, dentro ou fora, mas nunca a ambigüidade, a possibilidade outra que aos olhos que acreditam ver pensam estar vendo o que é. O que ele propunha era uma outra forma de experiência, uma outra dimensão, que saísse do jogo da sedução e da vitimização da mulher ou endemoniamento do algoz, como a leitura contemporânea de Saramago sugere. Algo que fizesse, talvez, com que cada um assumisse a responsabilidade pelo seu prazer e sua busca pela beleza. Algo que só quando se defronta com a linguagem, quiçá, seja possível e com a sua própria solidão e toda carga de interioridade exteriorizada ou não. Algo que dá a certeza de que não é possível em experiência alguma controlar o discurso em todos os seus efeitos, tampouco a experiência enquanto encontro com o outro, seja de si ou de outro mesmo. Algo que dizia respeito a fazer o outro conhecer as próprias emoções, como a sociedade em que viviam as mulheres na época de Tirso de Molina.

Don Juan também seria um *demoníaco* posto que estaria a suscitar emoções que os outros não conheciam de si. Assim, *Don Juan* estaria a apresentar um mundo que não era o mundo dos que se conheciam. Em que talvez a reflexividade da modernidade ainda estaria por chegar.

Quem sabe, por isso Saramago dê a seu drama recente, *Don Giovanni*, o *dissoluto absolvido*, a epígrafe que sugere “*nem tudo o que parece é*”, com a camponesa tomando *Don Giovanni* pelas mãos, para que este se conhecesse melhor, dadas as conquistas em diversos campos do saber como a que estamos

⁶¹Neste tópico além do texto de Gilles Deleuze em *Crítica e Clínica* intitulado “*Literatura e saúde*” em que esta idéia da literatura ser um mundo em contigüidade com o mundo em que vivemos, mas ao mesmo tempo trazer certa descontinuidade pela ambigüidade que lhe é própria, em se tratando de texto ficcional, temos também o estudo de Levy sobre a noção de “*experiência do fora*” estabelecida a partir de textos dos filósofos Michel Foucault, Maurice Blanchot e Gilles Deleuze.

vivendo, seja relativo á parafernália tecnológica, seja da esfera da clínica, seja comportamental ou política.

A questão da interioridade em Saramago aparece como uma superfície não explorada pelo personagem, de modo a apontar para um horizonte de expectativas em que ao se conhecer *Don Giovanni* haverá de escolher uma vida mais calma. Ele já é um leitor, pois reconhece as referências dadas pelo *Comendador*, o que até lhe causa certo estranhamento. A pergunta ingênua de *Don Giovanni* ao fantasma decadente ante a fala em que comenta os nomes contidos no catálogo - livro Isto é uma possibilidade, um modo de estar no mundo, mas não é o único.

Neste sentido, a discussão entre Corgi e Saramago também dão-nos o distanciamento necessário para rever qualquer caráter exemplar que se queira atribuir à obra literária. Ao por em dúvida a transformação do protagonista, o compositor parece estar aberto a outras formas de vida e compreender efetivamente a pluralidade para a vida, a ponto de recuar com sua sugestão de fazer um final com “ambigüidade” e atender ao direcionamento que o escritor português manifestou como o mais apropriado.

Saramago por sua vez, no afã de imprimir uma marca diferenciada ao seu *Don Giovanni*, deu a este o que uma torcida calada poderia estar pedindo, que o conquistador finalmente se rendesse aos encantos femininos e aceitasse o amor. Entretanto, o autor propõe tal transformação de modo a reafirmar uma posição política: é pelas mãos de uma camponesa a mudança, com toda carga que isto possa evidenciar. A reafirmação de uma sabedoria popular, o reconhecimento de uma tradição cultural, que é combinada com a sensibilidade do parceiro. (Seminara, a editora, dá-nos a informação de que Corgi já havia manifestado a reverência à partilha de uma cultura rural que celebra a corporeidade e espontaneidade em *Gargantua* de Rabelais, encenada por este anteriormente); o protagonismo popular enquanto via política; aspectos que corroboram com a visão mais humanizada do mito que Corgi sugere através das soluções musicais noticiadas por Seminara no pós-fácio.

Aceitamos tais sentidos, entretanto, não podemos deixar de indicar o tom pedagógico empreendido ao texto. Um tom que ainda apresenta o pedagógico como o direcionador de caminhos teleologicamente apontados. *Don Giovanni*, agora em forma de *Giovanni* conhecerá a si, mas também ao amor, afirma *Zerlina*.

A proposição é nobre e sem dúvida desejável para muitos, porém desfaz qualquer surpresa que uma obra desta natureza poderia apresentar. E, ainda, do ponto de vista estrutural, tal proposição estaria gerar o risco de fazer o mito desaparecer, se este fosse um final a cristalizar-se enquanto metáfora social. Um desvio a tirar do mito o que lhe é mais caro, o comportamento de busca.

Caberia ainda digredir sobre esta postura que também pode ser vista como corretiva por parte de *Zerlina*, numa visão que a considere pura e espontânea, embora devamos lembrar que na versão de Mozart a camponesa é absolutamente sedutora, uma vez percebendo o enganador em *Don Giovanni* corre para recuperar a aliança com o noivo ciumento, *Masetto*.

Em realidade, sabemos que cada versão fala de uma leitura feita pelo escritor da obra em que se baseou, num diálogo intertextual capaz de gerar outras percepções do mundo ficcional já estabelecido, dando a ver as latências surgidas do encontro entre leitor e obra, com a abertura ou não para o surgimento do escritor, que não deixa de ter a dimensão de comentador da obra.

A digressão cabe porque traz para a discussão a questão da pedagogização da literatura, tema também tratado pelo teórico Larrosa e no início da pesquisa quando voltada para a questão específica do ensino.

Larrosa apresentava uma posição radical ao colocar que a literatura pedagogizada não era literatura, com o que concordamos em parte, tomando por base que certa espontaneidade na prática de leitura é alterada. Ao lado disto, o teórico situa seu combate em relação discurso pedagógico dogmático, o que entendemos, dados os inúmeros meios de divulgação em circulação que divulgam práticas pedagógicas entre profissionais, através de eventos (congressos, colóquios, etc...), periódicos e as iniciativas disponíveis na rede, estar sendo redimensionado. Entretanto, a contribuição é importante como alerta para a discussão acerca de atitudes diante das escolhas de práticas de leitura. Escreve ele atento aos malefícios que um dogmatismo possa ter sobre a pedagogização da literatura:

O discurso pedagógico dá a ler, estabelece o modo de leitura, tutela a leitura e a avalia. Ou, dito de outra maneira, seleciona o texto, determina a relação legítima com o texto, controla essa relação e determina hierarquicamente o valor de cada uma das realizações concretas da leitura. (1999: 130)

Os argumentos apresentados pelo filósofo são sem dúvida pertinentes e em muito contribuem para balizar nossas práticas cotidianas dentro de uma escolaridade do ensino formal. O que interessa salientar é que esse discurso dogmático pedagógico, ameaçador sem dúvida, pode ser evitado se passarmos a olhar para os encontros de natureza pedagógica como espaços abertos e sujeitos às intervenções de diferentes procedências, seja do aluno, seja do texto que emerge com sentidos imprevistos e outros já pré-estabelecidos (mas posto em xeque e discussão), seja por parte do professor, seja por parte das instituições ou da sociedade. Há muitos dispositivos de interferência, como há muitos nos atores sociais envolvidos a cada dia, a cada encontro, a cada leitura.

Essa riqueza de possibilidades é o risco no processo de pedagogização, e evidencia a complexidade que o constitui, mas que deve ser vista como desafio e não como problema. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que os problemas que hoje surgem relacionados à dificuldade de estabelecer práticas de leitura muitas vezes nem passam pelas condições técnicas e conhecimento ou preparo do profissional, mas pelas condições miseráveis e até violentas em que estão alocadas as escolas e seus frequentadores. Sem deixar de enfrentar a questão da pedagogização da literatura no que ela tem de próprio, não podemos resistir a registrar que algo para além do campo de sua especificidade nos atordoa, que é o campo político, responsável em grande parte pelo estado de coisas que estamos vivendo, a barbárie cultural para alguns.

O trabalho anterior evidenciou uma fragmentação na subjetividade leitora, considerando a *“experiência donjuanesca de leitura”*, o que estabelece uma relação de instrumentalização com a literatura e a partir de uma imediatez e impaciência para obter resultados imediatos, desenvolve preferência por textos curtos, ou de estrutura repetitiva e simplificada, como por exemplo, as narrativas de aventura ou mesmo textos de romance policial, além de buscar uma oralidade que facilite o acesso aos textos, se afastando de qualquer complexidade mais apurada em termos de elaboração de linguagem.

Também no trabalho, mais importante foi examinar estas condições de produção dessa subjetividade leitora, situação em que tanto a escola como o mercado contribuem para tal evidência. A oferta massiva de livros de auto-ajuda, pequenos manuais de qualquer assunto, a relativa facilidade de acessar

informações via Internet, as condições de vida com a carestia empobrecendo o poder não só de aquisição, mas mais gravemente de sobrevivência da população, bem como o sucateamento das instituições públicas, como bibliotecas e universidades.

Talvez por isso, diante deste quadro alarmante, Larrosa tenha, em 2002, feito uma certa revisão em sua obra e ousado falar em “abolição do leitor”, em livro já referido no tópico sobre formação, como uma forma de atualizar a possibilidade de formação rigorosamente apresentada em obra anterior, “*Experiência, literatura e formação*”, texto de referência para a pesquisa anterior, emanadora das duas categorias analisadas, “*experiência de leitura*” e “*leitura como experiência*”, embora tal colocação assuma as perdas do caminho de redimensionar a importância dos estudos sobre leitura mediante a ênfase no *espaço literário*.

Neste outro momento, o que importa é pensar, então, se é possível formar leitores dentro dos parâmetros estabelecidos, ou dos sentidos de formação e de leitor, bem como das práticas de leitura evidenciadas e estabelecidas? Com o advento da rede, o ciber-espaço e o avanço das tecnologias, o que de fato pode se pensar em termos de formação? Ainda é possível formar leitores críticos, leitores autores de suas próprias leituras?

Talvez um outro viés possa ser pensado para a formação, o que exigiria da escola e do ensino, uma outra percepção de formação. Uma leitura diferente do mito de Don Juan pode ser profícua, insistimos no mito, como referente maior, num exercício de concentração como o “Método” de María Zambrano sugere, tanto para a memória como para o próprio fazer. Lembremo-nos dela, através da citação o sobre a questão de método colocada em *Clareiras do bosque*, uma das últimas obras da filósofa: “*Tem que adormecer-se em cima da luz. Tem que se estar acordado em baixo na escuridão intraterrestre, intracorporal dos diversos corpos que o homem terrestre habita: o da terra, o do universo, o seu próprio.*” (1995:43)

Buscamos adormecer sob a luz do mito, exaurir até onde foi possível a leitura de um certo Don Juan, no absoluto risco de nada novo encontrar e na incerteza de algo apurar também.

Assim estamos fazendo a leitura e as releituras do mito e algumas versões. E se a leitura do mais recente *Don Giovanni, o dissoluto absolvido*, de Saramago, estivesse sussurrando algo diferente através da repetição? E se em vez de castigo, ordem imperativa (leia!), por exemplo, este Don Giovanni estivesse fora de todo jogo estabelecido? E se ele estivesse propondo uma nova escuta nesse labirinto interno da leitura? Seria possível?

O corpo de *Don Juan* não é descritível, o que impossibilita que sua interioridade seja mostrada, posto que é um mito. O seu deslocamento contínuo, a repetição incessante inscreve um corpo nos múltiplos espaços por onde ele se movimenta. Ele é pele, toda superfície, é visibilidade total, transparência cristalina, sem qualquer opacidade de dor. Seu movimento entre corpos femininos cria a heterotopia do amante amador e amado. Mas cabe diferenciar; se em Tirso ele ainda muda de territórios, vai de Nápolis para Sevilla, sai de lá, e mais uma vez foragido volta á Sevilha; tanto em Saramago como na versão de Lima já não muda de cidade; porém ainda assim há uma diferença, em Lima, o *Burlador* anda por Sevilha, cidade em tempo atual, visitando os locais programados para a sedução, sem deixar de preservar um espaço só seu para suas elucubrações sedutoras e estratégicas, como é o escritório, local em que só o duplo o *Criado* tem acesso.

A versão de Saramago segue o espaço presencial e de intensificação do presente como cabe ao texto dramático apresentar, a fim de criar no espectador/leitor a crença de que aquele mundo é uma unidade capaz de dar impressão de se estar vivendo no agora aquelas ações. Entretanto, os recursos cênicos indicados, através das rubricas, de que há elementos que não estão no plano da realidade, como a 1ª. cena apresenta de imediato a personagem de *Dona Elvira* como manequim, ela, mais uma amante abandonada pelo conquistador, em diálogo com *Leporello* - o criado, além de desestabilizarem a crença do espectador, fixam os personagens, tirando-lhes a mobilidade que o teatro possibilita, para destacar mais o texto, os diálogos do que as ações. (não tivemos acesso a qualquer registro da ópera de A. Corggi e Saramago, embora tivéssemos entrado em contato com todas as frentes possíveis ligadas á produção da montagem estreada ano passado em Lisboa, mas consideramos que ao tratar-se de uma ópera, sem dúvida, a

movimentação dos atores em cena é mais limitada do que a de uma peça simplesmente.)

Estas diferenças de deslocamento também acabam por gerar mudanças na concepção do personagem e no modo de estruturação dos textos, além é claro das diferenças de gênero literário. Fica evidente que o *Don Giovanni* de Saramago é quase tão cético quanto o *Burlador* de Lima, mas suas incursões em cena são mais sintéticas e pontuais, a fim de manter o diálogo cênico como intensificação do momento presente. Em Lima, tratando-se de um romance, temos as descrições das indumentárias, as *fantasias* usadas para cada encontro, criando personagens(tipos adequados a cada uma de suas conquistas: o pretenso escritor, o produtor, etc... dentro do personagem, o *Burlador*. Neste ponto, o romance joga com elemento ficcional reforçando o sentido de burlador. Sem nome próprio, ele é “*trezentos, trezentos e cinqüenta*”, como diria Mario de Andrade.

A questão do corpo/corpus em *Don Juan* é a princípio, em Tirso de Molina, uma questão de poder, de domesticação dos instintos, dado o contexto histórico (XVII) como *Don Juan* encarna um corpo representativo que não se deixa subjugar, não quer se deixar domar em um casamento, por exemplo, que domestica a sexualidade, ou numa atuação ocupacional que pela socialização neutralize seu tempo e seus desejos, *Don Juan* é necessariamente castigado.

Em *Don Giovanni* de Saramago, essa domesticação se quer de maneira diferente, já há o enfrentamento de forças entre “vítimas’ e o protagonista⁶². Em Tirso, ele deveria ser castigado de maneira a representar também, através da figura do Comendador, todos os corpos femininos, que se sentiram ludibriados, enganados e prejudicados pela incontinência desrespeitosa donjuanesca, como também representar a punição pela desobediência à autoridade moral e religiosa.

Em Lima, os corpos ficam mais expostos na trama vivida pelo cantor de ópera e *Suzana*, a agente de viagens, reforça o aspecto de verossimilhança do texto com suas contação. Mas na trama passada em Sevilha, o *Burlador* é um

⁶²O estudo de Maria Rita Kehl sobre *Ressentimento* apresenta-nos um refinamento muito interessante acerca da questão desse tipo de situação que o texto aborda: a insurgência feminina liderada por Dona Elvira. Kehl distingue ‘vingança’ de ‘convulsões sociais’. Observa ela: “*Não se pode chamar de vingança as convulsões sociais que põem fim aos regimes totalitários nem ‘ressentimento’ “o abatimento de escravos e prisioneiros impedidos á força do exercício de sua liberdade. (...) a vida nua não produz ressentimento; ela é via humana desprovida de condições de humanidade, limitada á reprodução da sobrevivência biológica – como na escravidão, nos campos de concentração ou em situações de extrema miséria”*. (2004: 101).

manequim, isto é um modelo, para as fantasias que escolhe vestir, oferecendo a idéia de estilo ao leitor.

Não muito diferente dos jovens adolescentes que não se permitem disciplinar para ler o que a escola quer disciplinar e controlar, a vontade de saber deles.

Em Saramago, há confronto de forças e quem se sente perdido é o protagonista, já que ele vem com a mesma atuação para um grupo social diferente. O *Don Giovanni* contemporâneo ri-se do pretensioso poder do *Comendador* (a estátua) que fracassa ao tentar pela lei conter *Don Giovanni*, com os fogos “fátuos” que falham.

Em Tirso, pensar nas ações de *Don Juan* é pensar numa sociedade que deseja reprimi-lo para garantir a ordem moral e religiosa instituídas.

Ao falarmos de corpos estamos falando também de comportamentos e é nesta direção que encaminhamos a visibilidade dada aos corpos nas diferentes versões do mito. Pode-se destacar de quase todas as versões um “comportamento de busca”, excetuando, dentre as mais conhecidas, a de Lord Byron, em que temos um adolescente *Don Juan* tímido e que em realidade é apresentado como um passivo desejante. Mas como não é o caso trabalhar com esta diferença, tomamos como expressão importante a idéia de busca para implicá-la na relação com o conhecimento na ambiência de rede.

O “comportamento de busca” observado a partir das noções de interatividade x narratividade, aspectos que estão em jogo no acesso à rede, considerando que esta é usada para buscar informação, num nível ainda superficial de leitura. São as operações de identificação de dados, informações; decodificação, reconhecimento, elaboração de opiniões, as mais recorrentes. As inferências mais elaboradas que exijam conhecimentos mais específicos, níveis mais rigorosos de compreensão, por exemplo, são menos exploradas.

Há que se diferenciar o usuário da rede que a usa como entretenimento e o usuário com fins mais específicos e determinados, como, por exemplo, o pesquisador, enquanto especialista de uma área; estes comportamentos de busca não são excludentes, mas podem requerer atitudes diferentes nos caminhos percorridos e nas escolhas de links a serem realizados, considerando os diferentes

recursos de que pode dispor um usuário que possua conhecimentos mais técnicos sobre as possibilidades que a rede oferece, muitas vezes em “tempo real”.

Deste modo, o que é virtual pode a qualquer tempo tornar-se atual e vice-versa, mostrando o quanto certo grau alto de imprevisibilidade é arriscado, se o usuário for para a rede sem um foco de captura, isto, é, sem perguntar-se antes: o que procuro? Pois isso cria o risco dele, usuário, passar ao largo da informação que de fato necessita, ou não conseguir acessar as chaves de leitura adequadas as suas demandas.

Se em tempos passados a contingência era da ordem do intolerável, hoje, ela é a nova ordem a imperar sobre os espaços interativos, como é o caso da rede. Neste sentido, a *experiência donjuanesca* de leitura assume outro sentido e outra dimensão. Se antes ela era vista como algo nocivo e indesejável e até passível de exclusão, hoje estas experiências são uma maneira tão essencial de estar em contato e de estabelecer relações que passaram a constituir os processos de subjetivação.

É importante observar que o ciber espaço cria a ilusão de que nada se perde, porque tudo está sempre em um grau de aproveitamento possível (toda conquista vale a pena), se não no tempo imediato, em algum outro, “quem sabe?” Esse é o risco da aposta na rede, o risco de corpos serem riscados da convivência corporalmente presencial em função de uma permanência entorpecedora diante da tela. O que fazer com isso? Já que a sedução é sutil e reafirma o metafísico do ato de leitura, agudizando o mecanismo de exposição de sujeitos ao meio.

Uma interessante análise sobre o “monumentalismo” hoje feita por Andréas Huyssen, em *Seduzidos pela memória*, a partir da observação dos usos e desusos da arquitetura, de monumentos públicos e da mídia, situa perspicazmente que, ao contrário do que se poderia pensar em função da idéia de ruínas elaborada e lançada por Walter Benjamin (nas *teses sobre a História*) *a monumentalidade está viva e passa bem. Exceto porque talvez hoje tenhamos de considerar uma espécie de monumentalidade em miniatura, a monumentalidade do cada vez menor e mais poderoso “chip” de computador.* (2000: 64-65). Isto dá-nos a dimensão de que é exigido do usuário um comportamento específico a fim de lidar com esse monumento que assaltou o cotidiano na contemporaneidade. E segue o crítico: *porque a World Wide Web é o em princípio a empreitada mais gigantesca*

do nosso tempo, tão promissora para uns e ameaçadora para outros quanto qualquer monumentalismo foi. E como não poderia deixar de registrar a sedução entorpecedora que esta iniciativa planetária exerce sobre nós conclui:

Se o tráfico de informações para o futuro vai se dar de fato na via expressa ou se ele vai produzir um engarrafamento dos cérebros em escala monumental é o que vamos ver. Só o futuro dirá se valeu a pena ser seduzido. (2000: 65).

O tom irônico misturado a um tom disfarçadamente alarmante contribui para chamar a atenção para o fato de que é urgente que se pense o que ainda se pretende em termos de formação leitora para um cidadão que irá conviver cada vez mais intensamente com a presença dessa parafernália em quase todas as iniciativas cotidianas, sem perder de vista que há um abismo podendo ser aprofundado no que concerne o acesso e o manuseio de informação, tanto em termos de língua, como em termos de qualidade de informação.

E ainda se pensarmos a benéfica contradição que a rede de alguma maneira possibilita, o acesso imediato e indiscriminado, para quem a ela consegue chegar, de obras das mais diversas procedências, tanto em sentido horizontal, textos literários digitalizados em diferentes línguas ou traduzidos, como no sentido vertical, podemos colocar assim, sem qualquer conotação hierárquica, textos já criados em ambiente digital, tais como os vídeos- poemas, os blogs (que já são uma referência corriqueira) isto sem entrar em outras possibilidades tanto de gênero como de linguagens. Parece que ficar sem saber *o lugar certo de colocar o desejo* pode ser um risco para qualquer usuário desavisado.

Por outro lado, quando o usuário sabe o que quer e do que precisa em termos de informação, ele se relacionará possivelmente de outra maneira com a dispersão e a interatividade, essa capacidade de apenas “tocar” os sites, acessar mensagens, por exemplo. Para este, a contingência também é vista como necessária, entretanto, ela é menos tolerada ou acolhida pelo “buscador”.

Mas todas essas considerações colocam o usuário num tempo de movimento, movimento contínuo e ao longo de um processo, em permanência, talvez, demasiada em relação à descontinuidade que a rede apresenta.

O conceito de “acoplagem” desenvolvido por Gumbrecht em “*Corpo e forma*”⁶³ dá-nos bem a idéia do que pode acontecer com os corpos em “comportamento de busca”, interações *donjuanesca* na forma de lidar com o conhecimento, embora o autor não apresente o conceito para tal contexto específico, mas nós nos apropriamos dele uma vez que é no capítulo (“O campo não-hermenêutico e a materialidade da Comunicação”) sobre o campo não-hermenêutico, autorizando-nos a aproximá-lo da situação de busca na rede que também exige um certo tipo de leitura.

Acoplagem, esclarece ele, é *oriundo da teoria biológica dos sistemas; conceito desenvolvido por Humberto Maturana e Francisco Varela*. A utilidade do conceito reside no fato de responder em parte à pergunta sobre como *forma do conteúdo e forma de expressão* se associam. Dados dois sistemas interagindo, sejam dois corpos, seja um corpo humano e um computador com um programa em funcionamento, esses dois corpos –sistemas num *primeiro nível* entram em contato e desse contato que será finito, porém não produtivo, fazendo com que os corpos voltem a um número de estados finitos. Isto é interessante porque dentro do que Larrosa chamou de “experiência de leitura em que ele dizia não “passar nada” com o leitor, este não ser afetado, Gumbrecht em sua descrição dá um passo adiante, na medida em que reconhece que os corpos se movimentam num “ritmo” e se acompanham, mas ainda assim voltam a um número limitado de estados como já dissemos, podemos pensar que o leitor que se relaciona de modo instrumental com o texto, seja na rede ou não, mas mais intensamente nesse ambiente, ele poderá modificar seu ritmo em relação ao programa que utiliza quando em contato com a rede, e poderá até buscar programas que o atendam melhor em suas demandas, entretanto, ao final de cada operação poderá voltar aos estados que lhe são familiares.

Em termos de superfície, o que podemos dizer é que estes corpos de fato não se transformam, por isso não apresentam o aspecto de produtividade para o qual Gumbrecht chama atenção. O ritmo seria de grande importância porque estaria no plano da forma. Reparamos que a noção de ritmo é em si uma forma de

⁶³Este livro de Hans Gumbrecht explora uma série de indagações básicas dos campos hermenêutico e não-hermenêutico a fim de reavaliar os rumos dos estudos literários e algumas das noções e categorias básicas que datamente direcionaram as discussões acerca dos usos e modos de ler e escrever textos (literários).

identificar certa musicalidade nos corpos que interagem, algo que em princípio é resultado do que cada um deles trazem.

O teórico segue apresentando a *acoplagem de segundo nível* e esta nos interessa particularmente, porque segundo ele, é produtiva e permite pela complexidade um estado de auto-observação. Este estado teria sua importância para que se produzisse a representação. A questão que o teórico alemão se coloca é como passar de estados de formação para estados de representação?

Embora a pergunta não tenha sido respondida e creio mesmo que não seja o caso, o que interessa é pensar que a preocupação com a transformação torna-se algo talvez impróprio considerando que a diluição do que temos considerado “sujeito”, herança da modernidade, onde localizamos nosso mito de estudo – *Don Juan* – faz com que a noção de contingência ganhe relevo. Assim o fato de trazermos para a cena de discussão o conceito de *acoplagem* de Gumbrecht (1999: 150-151), que por sua vez trouxe da biologia de viés contemporâneo, reafirma a impossibilidade de controle sobre os atos de leitura e produção de leitura e de texto hoje, principalmente na rede, onde a instabilidade é uma das fontes de interatividade e de produção de textos ou sentidos.

Não estamos a querer identificar uma forma mais fechada de ação na rede por parte de leitores e corpos na rede, no entanto, podemos apontar algumas das possibilidades de contato entre leitor e os textos buscados na rede, a fim de dar mais um passo na compreensão desse ambiente tão requisitado hoje para a formação crítica que passe pela escolaridade e o ensino formal.

A virtualidade talvez tenha chegado para falar dessa nova era da informação. É a era do virtual: os namoros, as traições, os textos, as leituras, os encontros, os sentidos, os entendimentos são essencialmente virtuais. As comunidades, os partidos, as terapias sutis, são eminentemente virtuais. Talvez porque não caiba mais a concretude da experiência da pobreza imediata que subjuga os sentidos (dos corpos) aos sentidos (das palavras), tornando-nos sensíveis.

Agora, talvez seja o momento de termos a “riqueza” da experiência virtual para que se submeta os sentidos (das palavras) aos sentidos (dos corpos), para que se aprenda administrar desejos libertos porém tomados de responsabilidade consigo e com o outro. Um espaço social em rede ou não em que é permitido a

tudo buscar, nessa incontinência inglória, mas há que se responder por ela. Ressoa a pergunta: O que fazer com isso? Com Don Juan? Depois de Don Juan? Com a ciência das experiências donjuanescas? Estas estariam nos demais campos da atividade humana? Elas seriam uma necessidade ou uma contingência? Ou que medida podemos lidar com elas como tais? Seria dessa ordem a administração de que estaria falando Bauman? Saberíamos o lugar certo de colocar o desejo?

4.2

Don Juan, o senhor dos portais

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*
(Luís de Camões)

Num certo sentido, *Don Juan*, o buscador incontinente é também uma representação possível do “comportamento de busca” do usuário da rede, na contemporaneidade, como já apontamos. A atenção no receptor de informação, ou seja, numa perspectiva da teoria da recepção, seja de informação, seja de obras literárias ou não, e atenção no modo de buscar informações, o modo como alguns jovens indo à leitura ou não e a que leituras, também foram dados que emergiram na pesquisa.

Toda a descrição do comportamento *das experiências donjuanescas de leitura* revela uma nova forma de lidar com o conhecimento, ou se não temos uma nova forma, ao menos uma forma agora predominante em detrimento de outras que anteriormente vigoravam, por exemplo, dentro de uma lógica clássica e dualista, do contemplativo e ativo; interiorizante e exteriorizada; superficial e profunda; entre outras possibilidades dicotômica e dicotomizadoras, mantendo uma lógica binária para o processamento da informação, ou da recepção de obras, objeto de leitura, literária ou não.

Fato é que se *um grão de feijão* ainda pode pesar como ao modo cabralino, no caso das leituras literárias, só a insistência na repetição, isto é, na releitura, é que pode se diferenciar da leitura informacional ou de caráter instrumental que a rede propõe. Neste sentido, o hipertexto literário é sujeito a riscos de não repetição para um mesmo leitor em diferentes momentos de leitura.

O “comportamento de busca” de nosso “donjuanesco” leitor pode parecer para um modo de pensar dentro de uma lógica binária⁶⁴, falso ou superficial, como também pouco afeito a reflexões. Entretanto, fora da lógica binária, o “comportamento de busca “donjuanesco” é visto como mais uma maneira de ser apenas, sem qualquer juízo de valor sobre ele. Os resultados serão diferentes como de qualquer buscador em qualquer momento de sua busca, sem a possibilidade de repetição pura e simples.

⁶⁴É interessante trazer para nosso contexto um outro tipo de discurso, o clínico, que reafirma o “diagnóstico” do que encontramos acerca das experiências de leitura. Diogo Lara, médico psiquiatra, apresenta o seu livro *Temperamento forte e bipolaridade. Dominando os altos e baixos do humor*. Armazém de imagens, 5ª. ed. Porto Alegre, 2004. A orelha do livro assinada pelo renomado neurocientista Ivan Izquierdo, avalia muito positivamente a iniciativa do autor, professor de pós-graduação na PUC-RGS, enquanto uma publicação de cunho pessoal e científico. Os relatos presentes na obra têm tanto quadros objetivos e precisos em termos de informação do especialista do ramo como descrições de situações clínicas sem o jargão rigoroso que poderia afastar leitores leigos. O livro inscreve-se no setor de divulgação científica, que sabemos está ligado ao recente nomeado jornalismo cultural de divulgação científica, uma forma inteligente de lidar com a massificação em voga, aliando rigor científico, sem rigidez de linguagem com fins informativos, como o meio jornalístico exige. Para nós interessa destacar algumas constatações do meio clínico apresentadas pelo psiquiatra. De início cabe definir o termo bipolar: *expressa dois pólos de humor ou de estados afetivos que se alternam neste transtorno; a depressão e seu “oposto”, a hipomania ou a mania (...)* e destaca ele alguns caracteres do temperamento bipolar, que alinhamos muito sucintamente: *necessidade de contato e aprovação social; evitação de dano e perigo; busca de novidades e sensações; persistência; irritáveis; ciclotímicos (alternância de períodos de alta com baixa auto-confiança); ansiedade; falta de concentração; ou concentração exacerbada porém por períodos curtos; agressividade física ou verbal; esses são alguns dos aspectos que são evidenciados em comportamentos dessa natureza, claro com inúmeras gradações e combinações mais pesadas ou mais leves. Em que isto nos diz respeito? Sob o título de “vivemos em uma sociedade buscadora de novidades e bipolar?”. O autor sugere que a partir de um quadro geral e cultural identificado por ele, como: *busca intensa de novidades; velocidade, precocidade, abusos, violência, ambição desmedida pela fama e pelo sucesso, narcisismo, histeria, inconseqüência, pansexualidade, fanatismo religioso, inovação constante, pressa, impaciência, esportes radicais, lutas mais radicais, competitividade alta; relações efêmeras e voláteis, versatilidade, expressão afetiva, etc. São comportamentos, atitudes ou sonhos que sempre estiveram presentes ou latentes, mas parecem se intensificar cada vez mais com a carga crescente de estímulos que as crianças recebem (...)* Tal quadro para ele seria um indício de uma sociedade bipolar. Mais adiante, ele levanta uma hipótese bem interessante, a de que os países da América, principalmente Brasil, Argentina e EUA, *que receberam muitos colonizadores, teriam maior propensão ao perfil bipolar, uma vez que pode-se supor que estes pioneiros eram mais carregados no temperamento de busca de novidades, exploratório e confiante no futuro.* (2004: 134) Pode parecer algo forçado, mas isto está falando de uma recepção de nosso conquistador em outras áreas do comportamento humano, de um lado; e de outro, temos de ser mais prudentes nesta escuta, antes de adotar tais teses com imediato entusiasmo, como uma possibilidade de dificuldade a mais com a qual o magistério talvez tenha de lidar: alunos bipolares, que ainda nem têm condições de diagnóstico preciso e imediato, porque é claro do ponto de vista clínico é mais aceitável que não haja tanta diferença entre classe social. Entretanto, não podemos deixar de nos perguntar se essa excessiva clinalização da sociedade não estaria a atrapalhar um pouco a crítica, favorecedora de esclarecimentos que possam contribuir para um modo de vida menos controlado e controlador? Nossas perguntas se relacionam com a preocupação radical de Larrosa sobre a pedagogização da literatura, que também podemos tomar como um modo de medicalização diante do ensino e da formação.*

Se, contudo, é a repetição que mantém a forma para uma certa fisiologia de entendimento binarista, para uma linguagem plural e multifacetada, a repetição pura e simples não é garantia da forma, pois as repetições também podem ir criando séries. Podemos pensar que a noção de repetição se justifique não tanto pela técnica, isto é pela crítica que ela possa suscitar, enquanto atitude de reflexão, mas talvez pela estabilidade ou ambiência de estabilização que o contexto cultural contemporâneo não estimula e muito pouco favorece.

Quanto ao catálogo-livro de *Don Juan* não acontece diferente, como possível representação dessa forma de produzir conhecimento e com ele se relacionar. Vejamos, no catálogo apresentado cuidadosamente por *Leporello* a *Dona Elvira*, a mulher ultrajada que busca livrar-se do peso do engano e do abandono, em uma paráfrase à área de Mozart e Da Ponte, Saramago na voz cantada de *Leporello* abre as séries de repetições que são registradas no “livro-catálogo”. Fala ele em tantas italianas, tantas de Espanha, tantas de França, Turquia, etc. e por aí segue. Ora, numa lógica da multiplicidade, a indexação por nomes, ou nomes-sintagmas (lógica da rede) isto é a possibilidade de acessar histórias diversas. E dentro dessa ótica da multiplicidade, não se estaria partindo de um uno para um múltiplo, na medida em que não é a fisiologia dos sujeitos que está em jogo, mas a materialidade dos nomes.

Neste sentido, o *Don Juan*, ou o *Don Giovanni* que buscou informação/mulheres por diversos campos/países de saberes ou culturas diferentes, não é sempre o mesmo *Don Juan* ou *Don Giovanni*, pois seus vários -eus que se movimentam numa subjetividade descentralizada e fragmentada, mediante os diferentes processos de subjetivação por que passa, “os enamoramentos”, não são os mesmos em cada experiência, daí que temos de múltiplo para múltiplo, em se tratando de experiências que de fato coloquem em tensão os sujeitos.

Essa maneira mais impessoal de ler *Don Juan* ou *Don Giovanni*, a palavra cantada propriamente no segundo, propõe ficar fora do binarismo hermenêutico para o ato de leitura que explora a interiorização com mais valor que o ato não interiorizado.

A relação com a leitura é fora da experiência dual e dicotômica, sem que esta esteja necessariamente excluída, apenas ela não será mais o ponto de referência para uma avaliação do que venha a ser leitor ou não-leitor, tanto para

leitor de textos literários ou não. O que está aqui em jogo é o reconhecimento de um comportamento de busca, que se faz presente em diferentes sujeitos em diferentes momentos do processo de (trans) formação, evidenciando que conquistar parece ser a preocupação maior do que conhecer.

Assim, voltamos à questão inicial disparadora do trabalho desta pesquisa:

Por que Don Juan canta? Ou ainda, por que Don Juan ainda canta?

Don Juan ainda canta porque é preciso manter a possibilidade de cantar/dizer nomes, nomes que potencializem histórias, textos/contextos, pesquisas de vidas na rede do conhecimento.

Don Juan em sua dimensão arquetípica é uma ferramenta de busca para os estudos literários bem como um comportamento de busca nos próprios estudos e ainda um conteúdo fortemente amplo e produtivo para os mesmos estudos literários comparados ou não. Seus portais encontrados são os dintéis para novas possibilidades de histórias e acessos (febris) à informação. Don Juan, um hipertexto da contemporaneidade é o mito do “eterno retorno” sem a tragicidade de tempos passados, mas a ironia refinada da pós-modernidade, que se caracteriza pela *estranha ternura*⁶⁵, isto é, a consciência da *necessidade da ironia*⁶⁶.

⁶⁵Chantal Maillard em *La Razón Estética*, Barcelona: Editorial Laertes, 1998, usa tal noção para falar de subjetividades contemporâneas que têm já o grau sofisticado da reflexividade que a modernidade proporcionou, entretanto acrescenta-se a isso certa consciência da grandeza da realidade ante os atores sociais. Estes, sem controle sobre os processos de formação de suas subjetividades. Embora o foco de Chantal seja rever a idéia de pós-modernidade a partir de outros autores, a noção de “estranha ternura” reconhece o movimento ambíguo hoje em perceber as próprias contradições e ser em certa medida tolerante com elas, sem ser complacente. Assim, teríamos um passo a frente no diálogo entre razão e sensibilidades, para além de dicotomias segmentadoras.

⁶⁶Em *La necesidad de la ironía*, Valeriano Bozal, discorre criticamente sobre a presença da ironia enquanto figura nos diferentes contextos estéticos, tendo como referência principal as noções kantianas de belo e sublime. O texto é rico em contribuição uma vez que aponta para as implicações hoje de se manter o sublime como categoria estética de maior valor. O argumento do autor redimensiona o sublime como categoria de valoração para uma obra de arte, considerando o contexto cultural amplo e diversificado em que vivemos, onde a cultura de massa está presente em peso no cotidiano banalizador de experiências. Mas admite que nem é possível entregar-se a um sublime como referente principal para experiências estéticas, isolando-se da cultura de massa, tampouco depois de certas experiências com o sublime deixar de tê-lo como um toque a mais na formação da sensibilidade. Sob a ordem de “intervensões”, nome da série a que pertence o volume, o autor dá a ver que a idéia de intervenção é mais do que simplesmente um nome, mas uma proposta de leitura e escrita para a crítica atual. A partir da consideração de que não se tem verdade alguma, mas a permanente atitude de dar a ver e ver-se. Nas próprias palavras do autor: *La ironia no rechaza lo ironizado, sino que, poniendose a distancia, descubre que loque este dice no es tal (...) la ironía no dice que la utopia no sea posible – quizá lo sea -, afirma que la historia natural en la que se há empenado lo sublime no conduce a utopia alguna y que legitima em tal “no conducir” cualquier totalitarismo.* (1999: 100)

Don Juan é a figura da complexidade encarnada e desimpedida da adoração cristã da encarnação, com a liberação do corpo sacrificado. O inferno ainda existe e pode engoli-lo, que é a própria rede de informações que se apresenta em múltiplas direções. A virtualidade pode em algum momento de distração ser seu inferno com a agravante de que não existe um “comendador” para enfrentar, a não ser o sujeito buscador com sua vontade de conhecer, sujeita à perda contínua e a ganhos inesperados compartilháveis ou não.

Esta vontade de conhecer relaciona-se com um tópico bastante complexo diante do problema da formação que é a instrumentalização do conhecimento e sua implicação prática e o conhecimento que é adquirido como raiz, base para outras investidas do sujeito do conhecimento, o que tem implicações menos imediatas e mesmo de longo prazo muitas vezes. Essa questão de fundo, epistemológica, traz à tona, através da rede e seus usos, a evidência do “comportamento de busca” como um modo mais imediatista de obter informação do que propriamente um conhecimento formativo. A questão não é só de tempo como poderíamos pensar é mais do que isto é de atitude diante da rede, de escolha, em parte, dos caminhos a serem percorridos e com que fins.

4.3

A busca e a finitude da busca

Tan largo me lo fiás

(El burlador de Sevilla, Tirso de Molina)

Acreditamos ser novamente importante lançar mão do aforisma 327 de Nietzsche para adensar a discussão. Em continuidade ao que já havíamos proposto sobre a idéia de fabulação, introduzida pelo filósofo, citamos:

Falta-lhe amor às coisas que conhece, mas ele tem espírito, volúpia e prazer na caça e nas intrigas do conhecimento – até as mais altas e longínquas estrelas do conhecimento! – até que enfim nada mais lhe resta a caçar, senão o que é absolutamente “doloroso” no conhecimento, como o bebereão que finda por tomar absinto e água-forte. Então, ele termina por ansiar pelo inferno – é o derradeiro conhecimento que o “seduz”. Talvez também este o decepcione, como tudo o que já é conhecido! E ele teria de ficar imóvel por toda a eternidade, pregado à decepção e transformado ele mesmo em convidado de pedra, aspirando a uma ceia do conhecimento que nunca mais lhe será dada! – pois o mundo inteiro das coisas já não tem nenhum bocado para oferecer a este faminto.

A “falta de amor” é exatamente a sugestão dessa instrumentalização, ou do buscador que se coloca sobre o conhecimento adquirido ou a ser adquirido com um fim determinado, podemos até dizer pré-determinado, de maneira que o que ele irá tomar deste ou daquele tema será em função de um objetivo específico, sem qualquer constrangimento em descartá-lo ou mutilá-lo para um fim último, algo como “os fins justificam os meios”.

Essa *falta de amor*, antes que se torne um julgamento moral, é preciso pensar que essa falta de amor ao conhecimento em nada tem de significar falta de amor ao humano, ao contrário, é como se ele gostasse tanto de viver que o conhecimento fosse secundário diante do outro⁶⁷.

Como isso pode se realizar em termos de leitura? Vejamos, há o leitor que lê com um determinado objetivo a ser encontrado para um certo fim, entretanto, este fim não se coaduna com o fato de se ter um fim último para pessoas. Há no “Don Juan do conhecimento” como Nietzsche alerta uma voracidade e um “*conhecimento doloroso*”⁶⁸ em meio ao processo formativo ou no fim deste, se é

⁶⁷Curiosamente, de modo diferente, mas interligado, a prova do vestibular da UERJ de redação, solicitou uma carta argumentativa por parte dos candidatos para que se contrapusessem aos escritores de referência e um deles era José Saramago. Ao escolher uma das posições o candidato deveria persuadir o escritor a reavaliar sua posição sobre o tema em questão. No caso de Saramago, a posição desta personalidade do mundo literário era a de fazer os homens pensarem o quanto a vida humana é mais importante do que as questões de ecologia tão voga. O texto de Saramago foi retirado de uma entrevista dada a um sítio da rede (www.tierraamerica.com). O posicionamento do escritor leva-nos a perceber o quanto ele está insatisfeito com a passividade ou o desvio diante do que este considera urgente, a preservação da vida humana e soluções para o estado de miserabilidade e violência porque passa grande parte da população planetária, aos olhos do escritor. Esta demanda, coloca em foco justo o anseio por soluções mais imediatista em contraposição a algumas iniciativas no campo ecológico de caráter preventivo. Isto é, subliminarmente temos a tensão entre eficiência e eficácia, que por tabela tensiona no campo do conhecimento os aspectos de uma ação pragmática e uma ação mais formativa a médio e longo prazo.

A questão não é de fácil resolução e talvez nem tenha uma resolução mesmo. Mas o que importa nessa observação é destacar o quanto esta tensão está permeando nossas iniciativas em campos os mais variados, colocando em destaque as discussões em torno da ética e por extensão inclusiva, a política. Não é o caso de aprofundarmos tais tensões, mas achamos que valia introduzir tal observação para que a procedência da discussão que ora empreendemos valide ao fato de seja qual for o âmbito de discussão em torno da formação dos atores sociais contemporâneos, ela vai ter em maior ou menor escala estes aspectos tensionadores de proposições encaminhadas. O risco é, sem dúvida, dada a complexidade das questões, incorrerem na passividade e no desencantamento para os problemas que nos afligem, ou de outro modo cairmos na impaciência de logo dar respostas ao que precisa de certo investimento de reflexão.

⁶⁸Este ponto sugere um desvio que não é o caso de ser tratado nesta tese, mas que indica a continuidade da pesquisa, que seria pensar na outra modalidade de Don Juan, mais apuradamente, dentro das especificações deixadas pelo estudo de Kierkegaard. Tal desvio levar-nos-ia ao mito de Fausto, que segundo o filósofo dinamarquês seria uma variação sofisticada em sensibilidade do mirto de Don Juan. Este, por sua vez, já não poderia ser caracterizado como musical quanto à

que se pode dar fim a um processo formativo dentro do contexto contemporâneo com premissas tão inacabadas.

O “comportamento de busca” de conhecimento do leitor pode não ser abalado pelas demandas do cotidiano ou do caminho empreendido na rede para chegar às informações que precisa, já que o fim está muito claro e este leitor empírico sabe que tipo de ação deve ser empreendido. Neste caso, o prazer alcançado é o de encontrar a informação procurada, diferentemente da busca que se entretém consigo mesma, trazendo como prazer não à realização última, mas o próprio processo de descoberta e aprendizagem, a despeito de escolhas que levem a algum fim imediatamente aplicativo.

O prazer também comentado por Benjamin em alguns de seus escritos é o prazer imediato, do prazer sensorial. Talvez por isto o problema da finitude não faça parte das preocupações de dar forma aos escritos em determinado momento de sua obra, e esta seja marcada pela incontinência ao tratar dos temas que lhe são caros ou apurados.

O mito de Don Juan ao ser considerado como uma chave de leitura para os tempos atuais teve esse intuito, trazer para a cena de discussão a representação de uma das tensões mais complexas que hoje permeiam nosso cotidiano, e num momento de ansiedade por encontrar soluções talvez achássemos ser necessário optar por uma das frentes, como, por exemplo, propor uma formação baseada em aspectos mais pragmáticos como o “mercado de trabalho”, ou escolher uma formação voltada para princípios que sirvam de orientadores dos atores sociais em suas investidas na vida prática. Isto não acabaria com a tensão, talvez criasse mais insatisfação para todos e agudizasse o abismo que vem se delineando em vários setores da vida na contemporaneidade.

Zigmunt Bauman, o sociólogo de referência para nós, mais uma vez através de sua obra traz à tona em *Vidas desperdiçadas* a feliz percepção da infelicidade instalada em nosso tempo atual. (Tomamos como feliz porque ela contribui mais uma vez através de sua obra para levantar questões em torno do momento em que vivemos, momento em que urge a revisão de sentidos, princípios, contextos de produção. Momento em que o fato de termos a derrocada

experiência com a linguagem, pois é detentor consciente da linguagem verbal. Fica o desafio como desalinho do que já pode ser estabelecido em termos de investigação.

de uma série de instituições sociais, de um lado favoreceu o avanço inimaginável há tempos na busca do conhecimento científico, como podemos atestar mediante os empreendimentos que a cada dia são postos à disposição da humanidade; de outro lado, essa mesma inesgotável capacidade de criar e destruir verdades construídas e estabelecidas está desestabilizando algo de valor inestimável que é a vida de muitos que vivem em condições precárias, em ‘guetos’, por exemplo (Bauman, 2003).

A tensão colocada por ele, tendo sempre a modernidade como referência, situa a questão nos limites da consciência sobre a finitude e a infinitude no modo como ela interfere na vida do planeta e nas diferentes culturas, principalmente no ocidente. O interessante capítulo do livro em questão “A Cultura do lixo”, a partir do genial conto de Borges, O imortal, discute a tensão entre infinitude e finitude e alguns dos rebatimentos dela tanto nos âmbitos moral, sociológico, político, econômico e cultural, sem perder de vista o entrelaçamento de todos entre si. A certa altura Bauman é severamente taxativo:

Infinitude é um construto abstrato, uma extrapolação mental partir da experiência do longo prazo – uma extrapolação desencadeada pela incapacitante brevidade da vida corpórea e da exasperadora incompletude dos esforços da vida. A idéia de infinitude representa uma extensão imaginada do presente, em que o sentido de todos os momentos passados, presentes e futuros será revelado, e tudo encontrará seu lugar (...) A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superficialidade do refugio e de sua remoção. (2005: 118 e 120).

Sem dúvida que o comentarista do texto de Borges, mas também do pesquisador Hans Jonas, muitas vezes citado como referência para o diálogo a que se propôs empreender Bauman, toca nas bases das tensões que dilaceram nossas reflexões.

Em nosso caso, as *experiências donjuanescas* de leitura quiseram de modo mais modesto recolocar no campo da leitura a tensão antiga e agora mais acirrada entre estes aspectos que fundamentam muitas das dificuldades que vivemos em termos de desenvolvimento de práticas do campo da leitura, enquanto atividade tomada ainda como paradigmática para este trabalho.

O gesto político de representar o até então “irrepresentável” e mesmo relegado ao plano da exclusão, o “não-leitor”, parece querer cultuar o mau em vez de reafirmar o discurso positivo e muitas vezes positivista acerca da formação de

leitores. Tarefa inglória e talvez ingrata falar do mal, falar dos excluídos, falar da exclusão através da exclusão, quando temos uma tradição de falar da exclusão pela inclusão, pela luz e pela sombra. Talvez a iniciativa tenha sido possível e necessária porque nos parâmetros a que vimos apoiando a formação de leitores na América latina, principalmente, tenha sido nos modelos europeus sem considerar a própria realidade. Isto não foi mau nem bom, porque o caso não é de julgamento, mas de avaliação e muita reflexão para qualquer ação, dado o momento limite a que estamos expostos, como o nível de pobreza em que estamos mergulhados, tanto do ponto de vista material visível, quanto do ponto de vista espiritual, representado pelo campo da cultura.

O que fazer depois de Don Juan? Começa a ressoar a pergunta de caráter ético, ainda sem resposta definitiva, clara.

Mas podemos pensar que a inclusão de uma “corporeidade” sugerida através do “gênio”⁶⁹ sensual e espontâneo” que o estudo de Kierkegaard propiciou dar a pensar seja a saída para abordar a experiência da leitura de modo mais inclusivo e mais próximo da realidade adolescente, a que nos dirigimos mais especificamente no início desta pesquisa. E sem dúvida já temos inúmeros estudos que resgatam tais giros de reflexão, como é o caso de Chartier e da portuguesa Augusta Babo, “Implicações do corpo na leitura”⁷⁰, no breve artigo a pesquisadora dá indicações importantes sobre uma história que vem conduzindo certas práticas bastante arraigadas em torno da leitura e recorre aos melhores referentes do

⁶⁹Jacques Derrida em livro já referido anteriormente, *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*, comenta a noção de gênio de modo magistral, pois é aquele que subtrai-se á comunidade pela singularidade; excede (por generosidade) a qualquer lei do gênero; tais considerações podem levar-nos a compreender com outros sentidos a necessidade de exclusão de Don Juan, tanto enquanto personagem, elemento constituinte de uma representação dramática de um certo tempo; como também já na esfera de mito, enquanto princípio, chegando ao estatuto de arquétipo, a ser excluído desde um momento inicial da instituição religiosa do cristianismo. Também podemos desde já intuir que alguns dos “desocupados”, “desempregados”, com que esbarramos hoje pelas ruas citadinas, e que mostram enorme ‘criatividade’, talvez sejam excluídos de um processo que não os quer ocupando um lugar institucionalizado. Sem nos restringirmos ao viés político, podemos sempre que possível voltarmos-nos para ele através da recuperação de contextos passados. Isto também nos coloca outras tensões, a quem interessa discursar sobre a “perda da origem” em nome de outros que ao fazerem-no talvez tivesse outros sentidos em mente.

⁷⁰Neste texto a diferenciação mais rigorosa e determinante como contribuição aos estudos da leitura é a leitura vocalizada ou auditiva e a visual. Isto se relaciona diretamente com a questão da memória, como o pesquisador brasileiro Marcus Silegman vem explorando em seus estudos e no evento promovido pelo depto. de Letras em 2005, “Literatura e política”, a diferenciação entre uma chamada memória feminina e outra masculina, como colocou o estudioso, pode ser aproximada de tais implicações, já que o conferencista refere-se a uma memória apoiada na voz e outra visual.

campo cultural, tanto Bourdieu como Santo Agostinho, numa perspectiva ampla e rigorosa, resultado de amplo conhecimento e investigação, a autora dá-nos a dimensão dos elementos envolvidos nesse comportamento de busca que sustenta qualquer iniciativa em torno das práticas de leitura, seja de busca de prazer tão somente sensorial apartado de reflexões, seja a de um prazer mais elaborado e acompanhado do desprazer momentâneo de ter as próprias referências afetadas, lembramos, como é o caso da categoria da teoria de Larrosa “leitura como experiência”, que fundamentou nossa empreitada inicial.

No entanto, numa leitura apressada poderíamos achar que a questão da corporeidade seja defendida pela estudiosa, e poderíamos encontrar em Stendhal sob a leitura de Barthes⁷¹ uma defesa pertinente da corporeidade pela via do sensorial como o resgate de algo perdido neste caminho de formação intelectual a que vimos forjando. Mas o ponto crucial que nos interessa nesta investigação é quando a autora identifica: “Sabemos que a capacidade de aumentar o ritmo e a velocidade de leitura aumenta quando o sujeito leitor consegue operar uma total distinção entre a leitura articulada e a leitura puramente visual”⁷². (2006: 1).

Mesmo tendo a prudência de recuar e no tempo e na historiografia e apresentar elementos que munam sua constatação acerca dessa capacidade de articulação como o importante aspecto a ser considerado com maior atenção e rigor, a professora de Nova Lisboa dá indícios de que o salto ainda pode estar mais adiante ou num recuo, dependendo dos referenciais que tomemos, conclui ela com as seguintes observações: *Ler com o corpo é pois modelar a voz através da dimensão prosódica da fala (...) o limiar u-tópico em que o corpo, na sua quietude total, deixa que a voz seja um sopro impessoal, única garantia viva da palavra.* (2006: 4)

Esta inclusão de digressão sobre a infinitude e a corporeidade, através dos autores citados e seus dialogantes, serviu para retomarmos as *experiências donjuanescas* de modo a render melhor o mito e sua contribuição para os estudos sobre leitura.

⁷¹O texto de Barthes sobre a questão da sensualidade embora discorra sobre a escrita tomando Stendhal e Nietzsche, por exemplo, como referências, cabe como lembrança já que estamos lidando com produções de sentido e de texto, ou seja, com um desejo de criar. A referência é “Malogramos sempre ao falar do que amamos” em *Rumor da língua*.

⁷²Texto acessado em 18/11/2006 pelo sítio www.bocc.ubi.pt.

Temos as noções de afeto, corpo, vínculo, relação e impessoalidade como subjacentes aos elementos dados pelos autores, seja através da noção de amor, seja pela idéia de articulação ou controle, fato é que são noções que circulam nas versões de *Don Juan/Don Giovanni* em diferentes ênfases e contextos históricos e estéticos. Para nós, em termos de contribuição modesta que desejamos fazer cabe destacar que o personagem inquieto aparentemente incapaz de se vincular permanentemente em algumas de suas conquistas pode estar sinalizando a sua imensa capacidade de articulação nas interações que faz, de modo que numa velocidade desconcertante percebe-se já dissociado do objeto de desejo pela intensidade com que se vincula, o que aos olhos dos outros pode parecer indiferença sem sê-lo. É sempre bom lembrar a pista dada por Saramago na epígrafe do seu texto, o seguinte provérbio: “*Nem tudo o que parece é*”.

A despeito de qualquer análise feita ou interpretação dada ao texto final de Saramago, e sabemos que há meandros que em muito podemos nos demorar a fim de incluirmos outros saberes e poderes, cabe reconhecer a genialidade na compreensão do sumo a tirar do mito de Don Juan⁷³, o leitor Saramago parece ter privilegiado em algum nível a percepção de que a musicalidade de *Don Giovanni* exige (re)escutas, leituras, escritas, flexões, visões, como certamente o tribunal que o queimou no inferno mereceria, não para ser compreendido mas para ser este sim quem sabe reavaliado na sua autoridade de tribunal. Se a história literária em poucas iniciativas sugeriu uma absolvição do personagem legendário, por vias da abstração da encarnação, via legítima que a filosofia nesta relação entre pensamento e vida possibilita, a nós professores caberia revermos os vereditos dados a muitos dos alunos sobre serem não-leitores, seja por preguiça, por incapacidade, seja por total impossibilidade de se apoderarem dos meios de produção de conhecimento.

⁷³Infelizmente não encaminhamos os estudos para tomar Don Juan como um arquétipo, o que faria mais justiça ao personagem, mas isto empreenderia uma outra tese. Entretanto, inferimos desde já que seria mais produtivo tomar Don Juan logo de início como arquétipo, posto que isto corresponderia mais rigorosamente à idéia de musical que Kierkegaard introduziu, dada a instantaneidade da linguagem a efemeridade e para nós no estudo de formação de leitores possibilitar apontar para políticas de releitura e na mais de leitura tão somente. Porém isso são situações de pesquisa que enfrentamos e que muitas vezes revelam a força que certos fatores de produção podem ter quando nos disponibilizamos ou não para certos empreendimentos. Cabe ressaltar a alegria de poder rever este ponto e saber que há algo sempre a ser visto e revisto em qualquer trajetória, seja humana ou ficcional.

Não caberia instituir-se um tribunal contra os professores, isto seria incorrer no erro, por substituição, de retardar o processo de inclusão de “não-leitores”, como também por motivos diferentes de professores, já tão excluídos nas esteiras de formação, Talvez caiba, sim, recuperar um laço rompido, um grau maior de confiança, entre os parceiros de formação, e que não se resumem aos professores e alunos. Confiança que poderá perpassar as aulas, os eventos os textos as referências bibliográficas, e, que, de alguma forma, vem sendo posta e desafiada pela rede e esse espaço totalitário e totalizante a que sem fim estamos mais do que nunca buscando incluir e inserir em nossas vidas para dar vida às leituras de vidas e de textos.

4.4

Don Juan e algumas janelas de leitura

Este tópico apresentará algumas chaves de leitura que a partir de textos diversos, mas, principalmente, dos escritos de Maria Zambrano foi-nos possível vislumbrar outras janelas para exercícios de leitura sobre o mito de Don Juan em suas configurações dos personagens *Don Juan* ou *Don Giovanni*, nos textos de referência. Tais verbetes foram aparecendo à medida que a releitura dos textos literários ou não ia se fazendo; e teve como referência fundamental o “volume” de Maria Zambrano, *Notas de um método*.

Neste segundo momento de atenção ao texto de Zambrano já não estamos tão presos aos conceitos e conteúdos como matéria a ser discutida e aplicada às situações eleitas nos textos de partida, *El burlador de Sevilla* de Tirso de Molina; *O Burlador de Sevilha* de Lima; e *Don Giovanni ou o Dissoluto absolvido* de Saramago; o que estamos arriscando é tomar da estrutura do livro, que ela mesma chama de “volume” - pelo seu caráter de inacabamento e de fragmentação, e também misto em sua gênese, na medida em que se trata de textos filosóficos, porém surgidos de uma “razão poética”, em que o olhar sobre o conhecimento é atravessado por uma atitude de abertura e de acolhimento, além disso, consideramos ser profícuo o cotejamento de trechos comentadores dos verbetes escolhidos.

Assim, também entendendo a impossibilidade de esgotar as inúmeras janelas que o olhar poderia encontrar ao ler e reler os textos eleitos registramos, apresentamos tão somente o que nos foi aceitável do ponto de vista da finitude da produção escrita em espaço e tempo cabíveis. Algo como se vozes estivessem a reclamar algum lugar neste trabalho, vozes das emoções e expressões que nem sempre queremos reconhecer na residência que é o corpo e trazemo-las para a consciência a fim de manter um jogo de atração e afastamento, num “ir e vir das memórias” e dos pensamentos que nos assaltam.

Deste modo apresentamos:

Sedução: a sedução é um tema antigo e sem dúvida o mais diretamente ligado ao mito de Don Juan. Kierkegaard trata-o em momento diferente em seu estudo, pois considera a sedução obra do sedutor e não do enganador. O sedutor é aquele que detém o discurso, domina a linguagem verbal e tem a intenção de dominar a sua “vítima”. O mito aqui é o de Fausto, outro mito literário, que o filósofo considera um desdobramento de Don Juan (e que aqui não vamos tratar). O melhor exemplo para ilustrar tal modo de estar no mundo e diante do conhecimento é o romance de Lima, onde já sabemos o *Burlador* empreende todo um esquema de conhecimento até que o primeiro contato de fato com o objeto sua preocupação possa acontecer. Há a necessidade de controle e a intenção de eliminar toda possibilidade de contingência se faz presente.

A distância é fundamental para que se evite qualquer envolvimento emocional, mesmo que haja algum tipo de admiração em relação à “presa”. Em alguns casos o desejo de seduzir chega ao desejo de aniquilar, e em muitos romances policiais são evidenciados este tipo de intenção. A interrupção é um elemento fundamental no processo de sedução, tal como a indiferença, aparente indiferença. São atitudes que pretendem levar o dominado ao interesse calculado pelo dominador.

Ricardo Piglia, em outra direção mais salutar e que a nós interessa diretamente, em seu recém lançado livro, *O último leitor* comenta as cartas de Kafka a Felicia, noiva do escritor por um tempo e diz: “As cartas são uma prova desse mecanismo de controle e sedução (e de escravidão). Obrigar o outro a ler. Uma mulher é a figura sentimental que permite realizar uma união entre a escrita e a vida.” (2006: 59). Kierkegaard elaborou uma obra exemplar em torno da

sedução, intitulada *Cartas de um sedutor*. Para nós, o romance de Lima é a mola de motivação para observar este processo que se aproxima das preocupações em torno das práticas de leitura enquanto fala de professores.

Entretanto, é preciso considerar que se de um lado ela tem seu encantamento em relação ao seduzido, a promessa de um futuro melhor, gozado de prazer, de outro, ela se identifica com o desejo de domínio sobre o outro, domínio esse baseado na crença de que o que se oferece ao outro a ser seduzido é o melhor para ele. Essa crença pode em alguns contextos obliterar o desejo do outro de autonomia, pode levá-lo a desejar o que o outro quer para ele e não efetivamente o que este poderia querer para si. Algo como criar o desejo no outro, o desejo que é escolhido pelo sedutor, por exemplo, o desejo de desejar o sedutor.

Se esta sedução inicial é investida de um compromisso de convivência, de parceria, é possível que se torne uma sedução produtiva. Mas se é investida apenas de frívola vaidade, ao que a psicanálise desenvolve em torno da noção de narcisismo, é possível que as conseqüências sejam desastrosas, no mínimo para o seduzido, quem sabe, para ambos.

No caso de Lima, suas investidas acabavam por favorecer suas “presas” em suas fantasias, dando a elas o que elas queriam ouvir ou receber, em termos de fala ou gestos. O profundo conhecimento da psicologia do seduzido é uma estratégia de sedução com margem grande de acerto. Esse tipo de investida também tem um caráter acumulativo, porém no caso do sedutor é mais refinado porque não prescinde da escolha criteriosa da vítima, como se esta ficasse a serviço dos anseios ou caprichos do sedutor.

A vitória, nesse caso, é a transferência de desejo para o seduzido, fazer com que ele passe a considerar como seu o que era do outro. Neste ponto reside um dos prazeres da sedução, ver ao final do processo que o outro construiu sua “identidade” a partir do sedutor. Acontece que não é sem risco que o seduzido acabe por descobrir a façanha e queira vingar-se de tal acontecimento. Neste sentido, é o tempo o elemento fundamental de proteção para o sedutor, é preciso que ele não dê tempo ao seduzido para que este possa agir contra este.

Em termos de investidas pedagógicas, as situações parecem menos perversas, diríamos que poderiam ser perversas, a fim de que a aproximação traga benefícios para o seduzido. No entanto, não é de se desconsiderar que há um

campo de tensão de relações de força em jogo, onde dependendo da concepção de parceria que o educador venha a ter, este campo poderá ser mais aberto ou não. O risco é propor-se um ambiente de diálogo e em realidade o que se tem é um solilóquio.

É preciso lembrar que no campo da educação seduzir inclui compromisso, acompanhamento, escuta. Quando isto não está em jogo não há relação de fato, não pode haver experiência porque não há encontro, ao menos de imediato. É possível que em longo prazo algo daquela situação volte e possibilite uma transformação, mas não mais naquela presença.

A versão de Saramago propõe uma leitura diferenciada do mito de Don Juan, mais de acordo com a contemporaneidade, sua tese é a de que Don Juan é em realidade um seduzido pelas mulheres, a fragilidade é dele, posto que não resiste a estar com alguma mulher. Já em Lima, a tese é a de que esta “prerrogativa agora é das mulheres”, e segue na linha do reconhecimento de que o tempo do mito passou.

Em Espanha, não são poucos os estudos sobre obras e iniciativas de se caracterizar um donjuanismo feminino, o que em certa medida não é difícil de ser observado nas mudanças comportamentais encontradas no cotidiano. Em se tratando de leitura, este ponto relativo ao gênero não foi considerado.

Inveja: podemos tomar esta emoção com mais uma, entretanto, vale dizer que é muito difícil de ser admitida. Segundo Renato Mezzan, psicanalista, ela decorre de um processo de idealização sobre o invejado, e esclarece, a partir do estudo do conto de Clarice Lispector, “Legião estrangeira”, que o invejoso, tomado de dor intensa, deseja possuir o que o outro tem e porque imagina que tenha, é preciso tomar dele para que este seja feliz. O raciocínio é mais ou menos assim: “se ele está feliz é porque tem algo que eu não tenho e preciso ter para ser feliz”. Daí a idéia de roubo surgir. O que é interessante no estudo de Mezan é a observação dos mínimos pontos que envolvem o desejo e a inveja, pois o conto de Clarice dá indicações corporais sobre o momento da manifestação da inveja até o ato extremo em que a personagem mata o pinto ambicionado.

Em realidade, esta leitura apurada de Mezan, do ponto de vista psicanalítico, dá a ver os movimentos da psique do invejoso, que é tão atormentada quanto se imagina ser a do invejado. O importante a deixar claro é

que o desejo de “ser” feliz ou de “ter” alegria são os disparadores de toda a movimentação do invejoso, interna e externa, com sofrimento muitas vezes agravado pelas questões morais envolvidas neste tipo de situação. Fica também bastante evidente a atitude de observação aguda do invejoso diante do objeto de desejo, digo, inveja. Tal atitude é largamente explorada pelo leitor arguto Mezan, capaz de levantar inúmeros índices narrativos que comprovam sua tese.

A idéia de roubo, cara para nós neste estudo, posto que Don Juan/ Don Giovanni sempre são tomados como ladrões da paz das mulheres conquistadas, pode indicar um caminho possível de leitura. Abrimos assim uma janela a reafirmar discussões anteriores acerca da busca pelo feminino em Don Juan: como a busca é baseada na posse, em ter alguma coisa que pertence ao outro, no caso as mulheres conquistadas, e como o que ele quer, talvez esse feminino acolhedor, profundo, não algo da ordem do “ter” mas do “ser”, sua busca estará fadada a não encontrar o objeto de desejo.

Esta leitura cabe para análises que tomam, primeiro, *Don Juan* como indivíduo e não como princípio, tal qual o estudo de Kierkegaard indica; segundo mostra que toda ação donjuanesca advém mais de um reconhecimento de algo de valor na mulher do que de desvalorização dela; também cabe dizer que se *Don Juan* é tomado como indivíduo, o que ele procura é um princípio; diferentemente se o tomamos como princípio. O que nos parece é que estas expectativas diferenciadas tendem a gerar desencontros e pouca chance de parceria de fato, de modo que o sentido de exploração passa a reforçar a idéia de roubo, tanto para *Don Juan* como para sua “vítima”.

Retomando os textos literários escolhidos, podemos observar que as versões de Lima e Saramago seguem trajetos diferentes em relação ao tema da inveja. Lima deixa seu sedutor cair em descaso até explicitar o reconhecimento de que as mulheres lideram a questão da sedução hoje, em se tratando de um texto contemporâneo de ambiência e espaços contemporâneos, pode-se afirmar no referencial cotidiano atual. A “jornalista” que solicita a entrevista ao *Burlador* foi ironicamente uma de suas pretensas conquistas catalogadas tempos antes. A perspicácia do sedutor faz com ele transfira o poder de sedução para a mulher de maneira pacífica, sem grandes interrupções ou quebras. Não há punição, crime, ou fantasma para convidá-lo a ceiar. O tempo se encarrega de tudo mostrar ou dar a

ver. O tempo também é senhor para o *Burlador*, sobre ele diz: *nem o maior dos burladores é capaz de burlar a passagem do tempo*. (p.124)

Enquanto em Saramago, em o “dissoluto” a partir de um choque, de uma quebra, a troca do livro, liderada pela vingativa *Dona Elvira*, e depois de desesperado, Don Giovanni recebe e aceita a mão de *Zerlina* que vem para mostrar-lhe o caminho de ser Juan, sem o “Don”. Nesta versão, as mulheres tomam da ação e combatem o conquistador, mas uma outra, apartada pela condição social, não se pode desconsiderar o fato de ser uma camponesa⁷⁴ (dado reiterado nos e-mails trocados entre os autores da ópera) tem a ação de ser solidária a ele por amor levando-o pela mão para um outro momento e espaço em sua vida, segundo ela, *Zerlina*. Podemos pensar que haveria um caminho de “cura” para a inveja de Don Juan, o mito.

Num outro exercício de leitura norteado ainda pela inveja, podemos pensar que são as mulheres que dele têm inveja, por não possuírem sua alegria pelo simples fato de desejar ou de estar vivo. Essa alegria pueril, destituída de qualquer sentimento de posse, e sim de um enorme desejo de compartilhamento, pode ter sido, sem dúvida, o motor da vingança, igneamente disparada pela inveja. Numa linha psicanalítica, a inveja seria do pênis, como Mezan também discute a partir do tema da inveja; ou como Kristeva em seus ensaios sobre “Histórias de Amor” sugere, *Don Juan* estaria a lançar uma estética do *falus*, ou estética da penetração, da exterioridade, da decontinuidade pela impossibilidade de manutenção da ereção, explica a semióloga.

Neste sentido, a modernidade de Don Juan seria bem atual nas experiências culturais cotidianas como vários estudiosos apontam, de modo que a pós-modernidade poderia ser tomada como um prolongamento, um tanto desgastante e desgastado, dessa estética antevista pelo mito de Don Juan. Tal sugestão leva-nos a considerar que Don Juan estava à frente de seu tempo, se o tomarmos pela primeira aparição oficial do personagem, no texto de Tirso de Molina. Visto por este ângulo, a questão que se coloca reafirma a sugestão de

⁷⁴Cabe noticiar sobre o importante trabalho de Teresa Cerdeira sobre a leitura da obra de Saramago (na bibliografia final), numa fase anterior a este texto do “dissoluto”. O estudo, em livro, tem na história a grande referência de estruturação de obras do escritor. no nosso caso interessou a consulta para situarmo-nos em relação ao escritor, porém entendendo que não era o foco da tese.

Mezan em outro trabalho⁷⁵, sobre o mito e a sedução, de que Don Juan é uma questão de linguagem e não de crime contra uma moral.

A rapidez anunciada e a descontinuidade, para uma interpretada “infidelidade sucessiva”, ou como quer Renato Janine Ribeiro, em *Café Filosófico*⁷⁶.

Coração: se Don Juan canta porque é musical e sua linguagem é a do coração, e esta não tem palavras. Daí o desencontro entre ele e suas conquistas ou seus adversários, posto que estaria numa sociedade tomada por racionalidades que não reconheceriam esta linguagem como válida, então que crime teria cometido DonJuan, a não ser defender-se da lei, representada pela figura do comendador? Por outro lado, Le Goff, o historiador, em recente estudo sobre o corpo, dá-nos a notícia de que o coração como metáfora dos sentimentos e do centro do cristão é algo criado pelo imaginário cristão na idade média, como tantos outros índices de sensibilidade. Talvez por isto o coração “vagabundo” do poeta tenha cantado *meu coração é menor que o mundo*, ou ainda, *meu coração é maior que o mundo*, e nessa aparente contradição residiria a lucidez vertiginosa de que ele não compreende tudo e por isso mesmo está em tudo, afora qualquer racionalidade outra, cristã ou não.

Para nós, pode ficar apontada que o volúvel coração desse sedutor-enganador está dado muito mais às paixões sucessivas pela sua extrema sensibilidade, que aos olhos tocados por ela vêm-no como insensível. Sabemos que numa circularidade contínua, a figura possibilita que os extremos se encontrem, e nessa rapidez de percepção a espiral das conquistas acontece. Quem sabe seja essa a canção de um coração *donjuanesco*?

Na formação leitora algo semelhante pode suceder, a passagem de um texto a outro por paixão pela leitura pode ocasionar aparente insensibilidade para a busca de sentidos mais depurados dos textos, se esta não for a intenção do leitor. Talvez aí caiba a distinção entre o leitor que se pretende especialista e o leitor que

⁷⁵O ensaio é “A sedução de Don Juan: a sedução como mentira e como iniciação”, indicado na bibliografia final.

⁷⁶DVD: *A paixão vista pelo sedutor; Don Juan*, Espaço Cultural CPFL, s/d, SP. O prof. da USP dedicado a temas da cultura política brasileira, hoje atuante na CAPES, faz uma apresentação bastante interessante, do ponto de vista político e comportamental mais especificamente, relacionando o mito à noção de paixão e ao aspecto trágico atenuado na imagem contemporânea do conquistador.

lê para consumo, para fins que não estejam voltados para a leitura como experiência, apenas pelo entretenimento tão em voga em nosso tempo. Tal cena leva-nos a pensar que há constituição de um tipo de leitor, que embora esteja com o coração da paixão voltado pela leitura, isto não é garantia de que esteja voltado para uma apreensão ética e reflexiva que o texto possa suscitar.

Daí, que podemos pensar que as políticas de leitura que incentivam a leitura, são importantes e devem ser contínuas como forma de sensibilização para esta linguagem, em meio aos diversos apelos formativos de que dispomos hoje na indústria do entretenimento, entretanto, isto deve ser “pilotado”⁷⁷ de outra maneira pela escola, talvez. Pilotar quereria incluir uma iniciativa que qualificasse melhor a leitura e suas práticas de modo que justificasse a presença da leitura na escola sem com isso ser controladora das experiências de leitura dos alunos.

Promessa: entramos no terreno do sedutor. Aqui temos o conquistador que domina o discurso e usa seus atos de fala como uma forma de dominação sobre seu alvo. Mezan em seu trabalho sobre a sedução registra que além da sedução estar ligada à “metafísica platônica”, no jogo entre o ser e o parecer, como a própria epígrafe de “o dissoluto” anuncia, a traz uma promessa de um futuro melhor, que encanta o seduzido. E ao encantá-lo fá-lo esperar.

A espera é da ordem da sedução, e se a promessa não se cumpre, é possível que a emoção decorrente disso não seja tão agradável de se lidar. Nem sempre é pelo desapego que se ouvem histórias ou promessas de felicidade, de obtenção de prazer. Zambrano em *Los bien aventurados* nos adverte com sua suprema delicadeza, que a bem-aventurança é “esperar sem nada esperar”. Entrar numa leitura sem qualquer expectativa de obtenção de prazer ou de aquisição de algo é quase impossível hoje, dados os apelos em torno da leitura, seja por parte do professor, seja pelo cidadão comum consumidor, formado público. Esta idéia de desinteresse parece estar perdida em meio às formulações kantianas.

Em torno de uma realidade mais utilitarista, onde o belo deve ser bom também, a arte não tem qualquer utilidade mais imediata, a não ser agora se prestar aos incentivos fiscais que nobres empresários perceberam ser um bom filão tanto para autopromoção em revistas de “caras e bocas” como para o

⁷⁷O termo foi cunhado de palestra dada pelo prof. livre-docente da UNICAMP, prof. Wanderley Geraldi, em Congresso de leitura, 2002, acerca da posição que a escola deveria ter considerando o estado de coisas e ofertas de eventos a que estão sujeitos os alunos hoje.

escoamento de capital para área social. Mas numa escala menor, podemos pensar que algo possa escapar em algum nível desse controle, contradições propriamente geradas pelo sistema capitalista.

Voltando para os atos de fala disparados pelas promessas donjuanescas, de casamento ou não, ou do que este pode representar em termos de um futuro satisfatório, quando Don Juan, em Tirso de Molina promete casamento à camponesa que o acolhe depois do naufrágio, ou quando em Mozart é alvo das cantadas de *Don Giovanni*, porém neste caso sem sucesso para este, há de se considerar que o desejo de prazer é o responsável por momentânea desideração⁷⁸ das personagens femininas, vão às estrelas em suas dúvidas ou possibilidades de prazer.

O se comunga nesses atos de fala parece ser da ordem do desejo, mesmo que seja por instantes fugazes, e convenhamos, não há nada mais desafiador do que compartilhar desejos. E muitas vezes são eles os traços encontrados nas escritas que nos propomos ler em relação às leituras dos escritores.

São traços que a escrita deixa entrever como marca das escolhas dos ires e vires das memórias dos leitores até que encontrem vias mais delineadas e delineadoras de suas obras

⁷⁸Consideramos a rigorosa leitura da profa. Dalma nascimento em *Tribuna Bis, Rio, 31/1/1995*. Sob o título: o eterno gatuno de corações a autora comenta inúmeras versões do mito de Don Juan enfocando a questão da carência que ele carrega e por isso a sua procura perpétua.essa situação também traz a baila o desejo incontinente e a noção de desejo como desejo que vem de *desideriun, de , sideriun, tanto de siderado, alumbrado, como também sideriun de estrelas celestes*.